

Nordeste quer mudar imagem de local violento

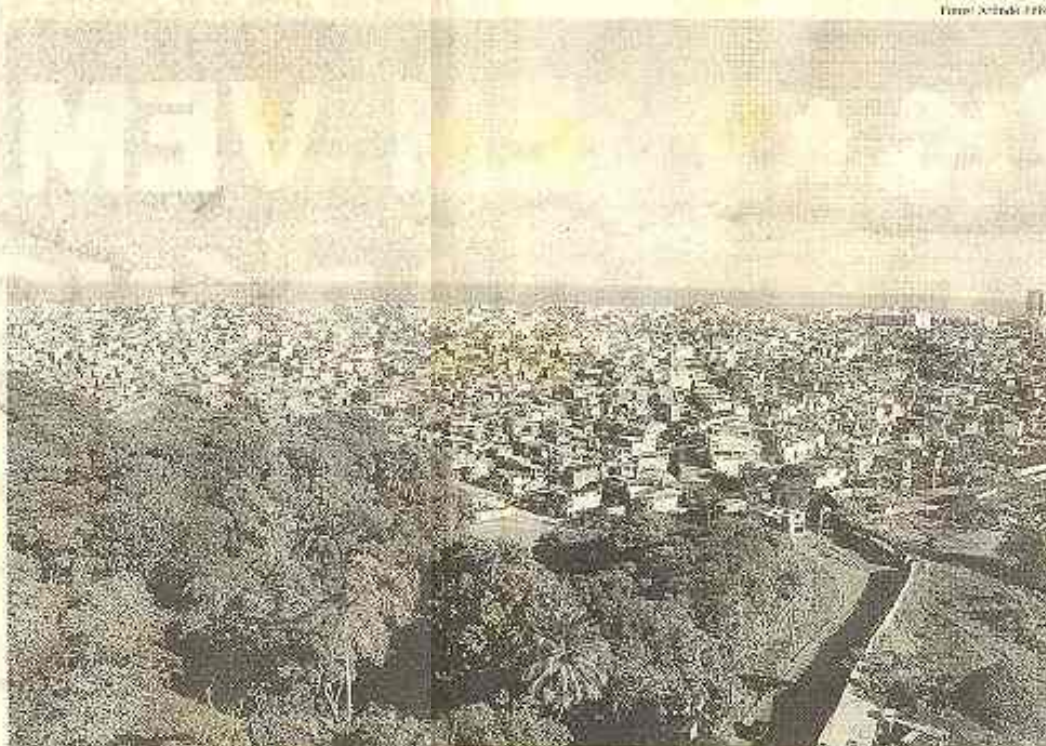
Muitos núcleos urbanos de habitação popular, iniciados há mais de um século, cresceram e se juntaram para formar o Nordeste de Amaralina, bairro que padece dos mesmos males que a maioria das comunidades de baixa renda de Salvador, a começar pela falta de infraestrutura. Durante muitos anos, ocupou o noticiário policial pela grande incidência de crimes, mas hoje, sustentam os moradores, a realidade é outra. O policiamento conseguiu bons resultados e são as próprias autoridades que atestam a relativa tranquilidade da região. A população, principalmente a juventude estudantil, está empenhada em mudar a antiga imagem, lutando contra a violência e pela preservação dos equipamentos públicos.

Maíza de Andrade

Desde que um delegado da cidade disse em reportagem da revista "Veja" que o Nordeste de Amaralina é pior que a Baixada Fluminense no Rio de Janeiro, os moradores viram se consolidar a imagem negativa do bairro. A morte do estudante Elton Cardoso dos Santos, de 17 anos, na porta da escola, no "Beco da Cultura", chocou a comunidade, que de novo se vê às voltas com o bairro no noticiário policial.

Não que a comunidade queira que ali seja considerado um paraíso, mas muitos moradores fazem questão de ressaltar as qualidades do bairro que não surgiu de uma hora para outra e que tem história quase centenária. Alberto da Ressurreição, de 81 anos, nasceu no local e acompanhou a evolução do bairro. Ele passa as tardes observando o movimento da Rua Cristóvão Ferreira, a principal via de acesso.

Para ele, o bairro não se desenvolveu porque os políticos "só prometeram e nada fizeram". Com cerca de 100 anos de ocupação, o Nor-



Resultado da ocupação desordenada, o Nordeste se estende do Parque da Cidade à orla marítima

deste poderia ter hoje outra feição se ainda na década de 50, quando foi fundada a Sociedade União e Defesa dos Moradores do Nordeste de Amaralina, as autoridades públicas tivessem se ocupado da urbanização da área.

Em vez disso, a ocupação do Nordeste foi se ampliando e se emendando com outros núcleos igualmente formados sem disciplina, que resultaram no aglomerado dos bairros de Vale das Pedrinhas, Santa Cruz, Areal e Chapada do Rio Vermelho. Vistos do alto formam um conjunto homogêneo. As construções de blocos aparentes predominam e ocupam todos os espaços. O verde é raro, o que torna a área altamente desconfortável do ponto de vista ambiental.

Políticos sumiram

O Nordeste e os bairros em torno

tem uma população estimada em 200 mil pessoas. "Dá para eleger dois deputados e dois vereadores", afirmou um dos membros da União dos Moradores, Sérgio Luiz Conceição. Ele disse que conseguiram eleger os vereadores, mas a atuação deles é apenas regular. O presidente da entidade, Aureliano Guedes dos Santos, 62 anos, queixou-se, magoado, de que políticos, como Raul Medado e Eujácio Simões, "tiveram o nosso apoio e não deram retorno".

Segundo Sérgio, um dos problemas do bairro é a falta de ocupação para a juventude. Ele contou que é durante as tardes que se vê a grande quantidade de jovens sem ocupação pelas ruas. "Eles podiam estar envolvidos em cursos de informática ou ensino de música, em vez de não terem nada para fazer", disse ele, ressendo-se da falta de apoio para a entidade desenvolver atividades deste tipo.

Outro problema apontado pelo integrante da União dos Moradores são as condições das travessas, onde falta saneamento básico. A saúde é outro item problemático, segundo Sérgio. Com apenas um centro de saúde, que também atende os moradores dos outros bairros, a população do Nordeste tem que disputar as poucas vagas. A União dos Moradores chegou a oferecer atendimento médico, mas só enquanto durou a última campanha política. "Passaram as eleições e os médicos sumiram", disse Aureliano,

Transporte coletivo não é problema

O Nordeste é bem servido de transporte coletivo. São oito linhas servindo à população, cobrindo praticamente toda a cidade: Lapa, Baixa dos Sapateiros, Campo Grande, Lobato-Joanes, Pau da Lima, Barra e Ribeira. As duas últimas são as mais recentes, tendo sido implantadas no ano passado.

O final de linha bem que poderia ser mais organizado. A aparência à primeira vista é de uma bagunça geral com os ônibus parados no meio da rua e inexistência de sinalização e abrigo para os passageiros. Um dos problemas que a comunidade conseguiu resolver, segundo Sérgio Luiz, foi o de motoristas que dirigiam em alta velocidade pela Rua Cristóvão Ferreira. Os moradores se juntaram e fizeram um quebra-molas, que foi ignorado pelos motoristas mais "apressados". A saída foi reclamar nas empresas e na prefeitura — os motoristas foram transferidos para outros bairros.

O crime ocorrido no início desta semana chocou pela brutalidade.

Para Sérgio Luiz, foi uma coisa absurda. "Tememos que isso cresça", disse ele. Já o secretário-geral da União dos Estudantes da Bahia, Cristiano de Souza, 25 anos, atribui o fato à "moda" da violência trazida dos Estados Unidos.

Cristiano disse que a violência se deve à ausência de instituições públicas no bairro. Ele acha que a presença delas inibe a violência. Um exemplo é a Polícia Comunitária, implantada há cerca de um ano. Embora já tenha reduzido visivelmente o número de policiais e viaturas nas ruas em relação ao padrão inicial, o policiamento, segundo Cristiano, é uma solução importante.

Além da ausência das instituições, Cristiano aponta a falta de infraestrutura urbana como fator propulsor da violência. "O cidadão sai de casa e pisar não esgota correndo a rua aberta ou então vê o carro estacionado dentro de casa. São situações que revoltam e quando ele chega no alto (na rua principal) está nervoso, querendo brigar", observou.

Juventude comandará campanha

Ninguém do Nordeste se agrada com a imagem que o bairro tem na cidade. O líder estudantil entende que é preciso desfazer a imagem de bairro violento. "Nós temos valores importantes no bairro, músicos e compositores, como Xexê e Tóte Gira. Eles ajudam a promover positivamente o bairro", disse.

Aluno do 2º ano do ensino médio da Escola Carlos Santana II, Cristiano acha que, ao passar no vestibular, o jovem do Nordeste também vai estar promovendo a comunidade. Para isso é preciso um trabalho de fortalecimento da auto-estima desses jovens, afirmou. Segundo ele, está em fase fi-

nal a campanha "Preserva Nordeste", de proteção aos equipamentos públicos, com ênfase na comunidade estudantil.

Uma curiosidade do bairro é o Beco da Cultura, nome oficializado para a rua onde se concentram cinco escolas. Palco da recente tragédia que resultou na morte do jovem Elton Cardoso dos Santos, o beco é o local por onde circulam cerca de oito mil estudantes diariamente. Reformado há um ano, o local teve erguida uma entrada com direito a pórtico e o nome Beco da Cultura escrito em letras de metal. É dali que Cristiano espera que saiam os futuros universitários, para orgulho do bairro.

Os membros da União dos Moradores também concordam que é preciso mais investimento na cultura. "O Nordeste tem muito potencial cultural, mas o poder público não investe nisso", disse Sérgio. "Todos esses jovens que ficam aí sem ter o que fazer, poderiam ser incentivados para a música, pois têm



No Beco da Cultura, um crime que chocou

talento pra isso", disse.

O dia-a-dia dos moradores ainda permite que, aos 81 anos, o velho Betinho, neto de um português caçador de baleia e de uma africana, goze a sua velhice passando as tardes na Cristóvão Ferreira, ao lado do bar do Vadinho, contando suas histórias. Se o dia é de sexta-feira, o "Bar do Arrelá" tem a melhor peixada do bairro, com o peixe fresco pescado em Amaralina.



Entidade dos moradores critica a inexistência de atividades para os jovens



"Seu" Betinho curte os 81 anos